

Sayão, herói dos candangos

Antes mesmo de ser inaugurada, Brasília perdeu seu primeiro e autêntico herói popular. No dia 15 de janeiro de 1959, uma árvore que estava sendo derrubada para a construção da rodovia Belém-Brasília — criando fácil acesso pelo Norte à nova capital — esmagou o engenheiro Bernardo Sayão.

Bernardo Sayão era vice-governador de Goiás quando recebeu de Juscelino Kubitschek a missão de construir a capital do Brasil no interior. Era um homem que gostava de desafios e adorava o campo, longe de gabinetes.

Juscelino o chamou em 1956 para assumir o cargo de diretor-executivo da Novacap. Com seu dinamismo e vigor físico, Sayão tornou-se o líder dos candangos, uma pessoa simples, que pisava na lama e que se esforçava mais que seus comandados. Implantou os primeiros serviços e executou as principais obras de infra-estrutura da cidade. Sayão



Amigo de JK, Sayão (E) morreu durante a construção da cidade

garantiu a JK, no dia 2 de outubro de 1956, que a capital ficaria pronta em três anos e dez meses. E até brincou: “Eu aceito cadeia, Presidente, se elas não estiverem concluídas até lá...”

Impetuoso e desinibido, o carioca Sayão pilotava o teco-teco em que ele e o presidente Juscelino Kubitschek deram inúmeros vôos rasantes sobre o cerrado e depois sobre o canteiro de obras da capital. Idealista, Bernardo Sayão construiu o primeiro “aeroporto” de Brasília, onde JK e sua comitiva fizeram um arriscado pouso na primeira visita do presidente ao local onde se-

riam iniciadas as obras. A estação de passageiros era de troncos de madeira, cobertos com palha.

Foi Sayão quem demarcou a área do Campo da Esperança, o cemitério de Brasília. E por uma ironia do destino foi lá enterrado, o primeiro a baixar à tumba. O segundo foi seu motorista, Benedito Segundo, que quando soube da sua morte trágica, morreu fulminado pela emoção. Os dois primeiros enterros de Brasília tiveram a presença do presidente Juscelino Kubitschek. Sayão era seu companheiro de desafio e de sonho.